

**ESPAÇO E MEMÓRIA:***Poema sujo à luz da percepção da paisagem***SPACE AND MEMORY:***Dirty poem in the light of the landscape perception***ESPACIO Y MEMORIA:***Poema sucio a la luz de la percepción del paisaje*Alessandro Barnabé Ferreira Santos  
Márcia Manir Miguel Feitosa

**Resumo:** Este artigo pretende analisar o *Poema sujo*, obra prima do brasileiro Ferreira Gullar, a partir da relação íntima – transpassada pela experiência “incurável” do exílio ao qual estava submetido o poeta – que o eu-lírico mantém com o lugar. O poema tem como espaço principal a cidade natal do poeta, São Luís, e é construído por meio do conteúdo proveniente de seu acesso à memória de sua infância e juventude. O artigo, portanto, coloca em diálogo a Literatura e a Geografia Humanista Cultural.

**Palavras-chave:** Espaço. Exílio. Memória. Poesia brasileira

**Abstract:** This article aims to analyse the *Poema sujo* (Dirty poem), masterpiece from the Brazilian poet Ferreira Gullar, from the intimate relationship between the I-lyric and the place, which is strongly trespassed by the never healed experience of exile, to which Gullar had to face at that time. The poem has, as its main space of action, the poet’s hometown, São Luís, and it is elaborated by the means of the content provided by the access to his deepest memory from childhood and youth. The article, therefore, promotes the dialogue between Literature and Cultural Humanistic Geography.

**Keywords:** Space. Exile. Memory. Brazilian poetry.

**Resumen:** En este artículo se pretende analizar la obra maestra *Poema sucio* del brasileño Ferreira Gullar, a partir de la relación íntima - atravesada por la experiencia "incurable" del exilio al que fue sometido el poeta - que el auto-lírico mantiene con el lugar. El poema tiene como espacio principal la ciudad natal del poeta, San Luis, y está construido utilizando el contenido de su acceso a la memoria de su infancia y juventud. En el documento se pone por tanto en diálogo y la Cultura Literatura y la Geografía Humanista Cultural.

**Palabras clave:** Espacio. Exilio. Memoria. Poesía brasileña.

(...)

*Pátria, eu te senti nos devastados  
poentes dos vastos arrabaldes  
e nessa flor de cardo que o pampeiro  
traz para o pátio e na serena chuva,  
e nos costumes sem pressa dos astros  
e na mão que afirma uma guitarra  
e na gravitação dessa planície  
que mesmo longe nosso sangue sente,  
como o bretão o mar, e em piedosos  
símbolos e jarrões de uma abóboda  
(;..)*

*És mais que teu extenso território,  
e que os dias de teu extenso tempo,  
és mais que essa soma inconcebível  
de tuas gerações. Nós não sabemos como  
és para Deus em meio ao vivo interior dos ar-  
quetipos eternos,  
porém por esse rosto vislumbrado  
vivemos e morremos e ansiamos,  
oh, inseparável, misteriosa pátria.*

(Jorge Luis Borges)

**1 INTRODUÇÃO**

O tema do exílio encerra em si dois movimentos antagônicos: para os sujeitos que não o vivenciaram, a vontade de discuti-lo, pensar em suas problemáticas e implicações; para o exilado, a “fratura incurável” entre seu ser e um lugar natal, fruto desta experiência dolorosa a qual milhares de indivíduos foram submetidos e compelidos ao longo dos séculos e, em especial, o século XX. É “terrível de experimentar”, escreve Edward Said (2003).

De fato, pode-se considerar o século XX a era do refugiado, do ser que se encontra em constante processo de deslocamento (geográfico). Isso se deve, primariamente, aos processos históricos que tomam lugar na vigência desta centúria: guerras civis em diversas localidades, guerras mundiais que polarizaram militarmente e politicamente o globo terrestre, o surgimento das ditaduras militares, sobretudo na América Latina e na Europa, e de governos totalitários, executores de uma política extre-

\*Artigo recebido maio 2013  
Aprovado em junho 2013

mamente severa quanto às liberdades individuais e de expressão.

O Brasil se insere nesse contexto, tendo sido por longos anos governado pelo regime da ditadura militar, implantada via golpe político que acarretou na censura das artes, da mídia e do pensamento livre e subversivo, espaço de resistência do regime militar, e, para além, na captura, prisão, tortura e, não raro, morte, daqueles que se impunham contra o formato opressor do regime. O país se inscreve, portanto, nas conturbações políticas que marcaram o século passado.

Nesse contexto conturbado, no qual também emergem profundas angústias experienciadas pelo homem na modernidade, é que se insere a figura do poeta brasileiro Ferreira Gullar – e a produção de sua talvez obra mais importante, *Poema sujo* –, exilado das terras brasileiras em face de seu envolvimento político com os movimentos de esquerda, marcado por sua atuação junto ao Centro de Cultura Popular (CPC), da União Nacional dos Estudantes (UNE), no qual ingressa em 1962, e a atuação no Partido Comunista Brasileiro (PCB), ao qual se filiou em 1º de abril de 1962.

Em 1970, Gullar entra para a clandestinidade; no ano de 1971, temendo o pior, o poeta decide partir para o exílio. Viveria algum tempo na antiga URSS, de onde partiria para o Chile e, por fim, assenta um “lar” na Argentina; aí será o espaço em que o poeta, devastado em seu íntimo pela experiência aterradora do exílio, produz o seu *Poema sujo*, no conturbado ano de 1975. Trata-se do “poema final”, as últimas linhas de testemunho vivo (pensava consigo, como saberíamos posteriormente, através de entrevistas que viria a conceder) de um poeta que se encontrava fraturado e sob a iminência de uma incerta morte, na medida em que o solo argentino já não mais representava a segurança que o motivara a ir para lá: bem como ocorrera com o Chile, também a Argentina enfrentava o processo de implantação do regime de ditadura militar, do qual fugira o poeta em 1971.

*Poema sujo* é um repositório de experiências da infância e juventude de Gullar, na então distante São Luís/Maranhão, sua cidade de nascimento, seu lugar. A memória torna presente ao ser exilado toda a vivência, ainda que fragmentada, como haveria de ser, que tivera naquele período. Os versos do poema, distribuídos em estruturas diversas, que retomam toda a trajetória poética do poeta até então, revelam a profunda relação que o sujeito mantém com seu lugar de pertença, sua cidade. Trata-se de uma intrincada topofilia (TUAN, 1980) que, curiosamente, não permite idealizações ou deslumbramento em relação à cidade-natal, e que nos motiva a analisar o poema à luz dos pressupostos da Geografia Humanista-Cultural, vertente moderna dos estudos geográficos de base fenomenológica que prima pelo estudo dos temas da Geografia a partir do sujeito, de suas crenças, valores, percepção e atitude.

Assim, pois, que a Literatura, produção humana/cultural que é, possibilita a construção de vários diálogos com as mais diversas áreas do conhecimento, é nesta perspectiva interdisciplinar e dialógica que esta leitura se insere, uma vez que pretende investigar a percepção da paisagem – aqui: São Luís –, na literatura contemporânea de língua portuguesa, em específico, *Poema sujo*. Literatura e Geografia, abordada a partir do viés Humanista-Cultural, são o tom destas linhas.

## 2 FIGURAÇÕES DA MEMÓRIA: paisagens da cidade

Data de 1976 a primeira publicação do *Poema sujo*, obra de intenso fulgor e representação topofílica<sup>1</sup>. Produzido no intervalo temporal que vai de Maio e arrasta-se até Outubro deste mesmo ano, constitui a expressão poética de um ser incuravelmente fraturado pela experiência do exílio: Ferreira Gullar, na década de 70, sentira-se forçado a sair de seu país de origem, de sua terra, em detrimento de seus posicionamentos políticos de esquerda, que iam na contramão da ideologia do regime de ditadura militar que se impusera, via golpe arquitetado, ao sistema político brasileiro deste período.

De todo o período em que esteve no exílio, interessa-nos, sobremaneira, o ano de 1975, quando o poeta se encontra na cidade de Buenos Aires, na Argentina. É aí que se dá a produção do longo Poema, motivada pelos perigos que encerravam o recente regime de ditadura que, ali, também passava a dominar a vida política do país. O poema assume, assim, uma identidade dupla: a dimensão da fuga e/ou escape, por meio da escrita, desta realidade pesada que novamente irá se impor na vida de Gullar e a dimensão de resistência e luta, por meio do caráter de relato e denúncia que assume o texto poético: *Poema sujo* é o modo encontrado pelo poeta de se encontrar com a vida, com a esperança de dias melhores, da volta para a saudosa pátria.

Edward Said (2003), crítico literário já falecido, ao refletir sobre a temática do exílio em seu ensaio *Reflexões sobre o exílio*, que integra a coletânea *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, assim nos leva a pensar acerca da natureza e das implicações dessa dolorosa experiência:

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. [...] As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre (SAID, 2003, p. 46).

Buenos Aires é, pois, o destino final de uma cansativa trajetória de exílios aos quais fora submetido o poeta e um dos espaços a que frequenta, ainda que minimamente, o fluxo do poema. Com a eclosão do golpe militar

na Argentina, Gullar, comunista e exilado que era, passa a viver numa frequente inconstância entre vida e morte, uma vez que tudo é incerto e nada é seguro num regime governamental de extrema direita, impulsionado pela ala militar.

*Poema sujo*, também fruto do temor e da insegurança – como assinala o poeta em diversos textos que escreveu após esse período –, constitui o repositório experiencial de onde emanam as mais recônditas lembranças e reminiscências do sujeito Ferreira Gullar, manifestadas na voz poética de um eu-lírico que mergulha fundo nos mares da memória e de um passado, assentado e vivido na ilha de São Luís, há tantos anos nos idos da década de 40.

O movimento de resgate da memória pressupõe, no fio poético, certo jogo de esquecimento/apagamento e retomada que é incessante e motivador. Do período que Gullar viveu sua infância e parte da juventude na ilha de São Luís à data que começaria a escrever seu Poema, há um distanciamento espaço-temporal que se constitui marcante e de grande peso para a constituição do conteúdo temático deste texto poético, na medida em que salienta e aguça nossa percepção para a compreensão dos movimentos que circundam o funcionamento da memória: condição primeira para a expressão poética do eu-lírico e da relação íntima sujeito-lugar.

Ao lermos os versos iniciais do poema, o eu-lírico sugere a dificuldade em resgatar a experiência vivida no passado, distante de modos diversos e já esmaçada pelo processo de esquecimento. Começar o poema traduz-se numa tarefa árdua, dura, como uma “mão do sopro/ contra o muro”:

turvo turvo  
a turva  
mão do sopro  
contra o muro  
escuro  
menos menos  
menos que escuro

(GULLAR, 2010, p. 233).

Rompida a dureza inicial, o eu-lírico se sente relativamente confortável em prosseguir com seu intento, evocando uma série de recortes temporais que situam o leitor em um passado, no Maranhão, cujas experiências tentam ser resgatadas pelo nome/s de Helena?, de Vera?, Nara, Tereza, ou seria Gabriela? Enfim, um passado fincado naquele espaço, naquele tempo, em que o nome preciso destas mulheres, bem como as demais experiências, “perdeu-se na confusão de tanta noite e tanto dia/ perdeu-se na profusão das coisas acontecidas”; em um presente que assegura a irrelevância de um nome naquela hora, “Que importa um nome a esta hora do anoitecer em São Luís/ do Maranhão [...]?” (GULLAR, 2010, p. 234) e um futuro, pleno da esperança de liberdade.

Nessa profusão de tempos, que se fundem na construção do poema e na constituição

das coisas distintas, o eu-lírico nos convida a penetrar os espaços pelos quais irá percorrer: “voais comigo/ sobre continentes e mares/ E também rastejais comigo/ pelos túneis das noites clandestinas/ sob o céu constelado do país/ entre fulgor e lepra” (GULLAR, 2010, p. 235). Voar e rastejar com o eu-lírico pressupõe certa ação que promove, além da possibilidade de ter em nós a marca destes espaços de afeição/repulsa que compõem os cenários do voo lírico do poema, igualmente a possibilidade de resgatar a experiência perdida, que se inscreve na carne, no corpo, imagem muito recorrente neste longo poema, bem como na poesia gullariana, e que preserva a própria identidade física, espacial e sanguínea do eu-lírico, que se mescla à própria identidade do sujeito:

Mas sobretudo meu  
corpo  
nordestino  
mais que isso  
maranhense  
mais que isso  
sanluisense  
mais que isso  
ferreirense  
newtoniense  
alziense

(GULLAR, 2010, p. 240).

Memória, portanto, que é reavivada pelo sujeito e inunda toda a linguagem poética com as experiências mais íntimas e permanentes de seu ser, orientadoras de uma percepção peculiar e individual. Entendida na acepção de Tuan (1980), o ato de perceber constitui “[...] tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados.” (TUAN, 1980, p. 4), portanto aquilo que movimenta e orienta o aprendizado do ser humano. Da percepção decorrem os fenômenos da *atitude*<sup>2</sup> e a *visão de mundo*<sup>3</sup>, que também tomam lugar nas reflexões daquele geógrafo humanista cultural.

O ato da percepção tem relações, pois, com os movimentos da memória; memória esta que, após vários versos, já alcança com maior precisão a experiência vivida no passado, mesmo apesar de o eu-lírico se valer do processo de elaboração estética para tanto. Relembrar a cidade de São Luís, suas ruas e avenidas, peculiaridades inerentes ao espaço da cidade, tão caras à memória do sujeito Gullar, já não mais se traduz em dureza, uma “mão do sopro/ contra o muro”. Embalado pelo fluxo intenso de produção dos versos, agora a angústia inicial do eu-lírico parece ser menor, dado que as coisas estão claras – talvez, apenas, menos escuras –, em oposição à composição inicial (duro/árduo), ao acessar a memória:

claro claro  
mais que claro  
raro

o relâmpago clareia os contí-  
nentes passados:

noite e jasmim  
junto à casa

(GULLAR, 2010, p. 242).

Dessa clareza cristalina, como a que é promovida pelo clarão de um relâmpago, emerge uma São Luís completamente desvinculada de um ideário romântico: e, aliás, é preciso que se afirme que, em momento algum, mesmo quando do início do poema, a cidade é vista e pensada pelo eu-lírico em uma imagem imaculada de perfeição, afetada pela dor do exílio e a saudade do lugar-natal. São Luís é representada pela imagem real e fiel às memórias de que o sujeito dispõe. O poema é sujo, porque a realidade que o eu-lírico revela não é, de modo algum, limpa; sujo na linguagem e sujo em essência, afinal a própria cidade é suja: "Ah, minha cidade suja/ de muita dor em voz baixa/ [...] minha cidade doída" (GULLAR, 2010, p. 277), e por meio da sujeira é que a cidade se revela em sua completude:

[...]

que perguntava eu ali  
com aquele cofo nas mãos  
sob o sol do maranhão?  
não era o sol de laplace  
nem era a ilha geográfica:  
era o sol  
o sol apenas  
com cheiro de peixe e gente  
corvina serra cação  
papista comendo merda  
na saída do bueiro

(GULLAR, 2010, p. 243).

Esta São Luís, desvelada pela visão mais íntima do sujeito fraturado, é o lugar de onde emerge o(s) tempo(s), categoria da experiência humana que toma forma no ser da cidade, ao longo dos versos que sucedem o romper trazido pela claridade do relâmpago. O eu-lírico dedica certo esforço na demonstração da tese de que o tempo é vários tempos que penetram a realidade das coisas físicas e, dessa maneira, movem a vida na cidade.

O eu-lírico assim fala da composição e passagem dos dias, eles mesmos vários dias num só dia, "fácil de entender/ mas difícil de penetrar/ no cerne de cada um desses dias":

Muitos

muitos dias há num dia só  
porque as coisas mesmas  
os compõem  
com sua carne (ou ferro  
que nome tenha essa  
matéria-tempo  
suja ou  
não)

(GULLAR, 2010, p. 250).

O mesmo percurso teórico irá o eu-lírico utilizar para falar da composição e da passagem das noites. Entretanto, atenta para o fato de que o tempo transcorre de modo distinto nestes dois momentos do dia; para ele, a noite é densa, desacelerada, em oposição à vida agitada promovida pelo dia:

Numa noite há muitas noites  
mas de modo diferente  
de como há dias  
no dia  
[...]  
porque de noite  
todos os fatos são pardos  
e a natureza fecha  
os olhos coloridos  
guarda seus bichos  
entre as pernas, põe  
as aves dentro dos frutos  
e imobiliza todas as águas [...]

(GULLAR, 2010, p. 254).

A cidade é atravessada pelo Tempo, composto de tempos distintos que são inerentes à existência das coisas e dos seres humanos. O tempo é essencial e único na composição do poema, porque, além de estar relacionado fortemente com a memória, é revelador de uma São Luís que "passa" de modos distintos para seus multifacetados cidadãos uma cidade marcada pela desigualdade e pobreza, pela diferença. São Luís, que passa de modos distintos, é, entretanto, a cidade do eu-lírico, é o lar de afeição do poeta, "Ah, minha cidade verde/ minha úmida cidade", que invadirá por completo os versos que culminam na parte derradeira do poema, marcada por um intenso canto de apego ao lugar, à Terra, uma topofilia, como descreve Tuan (1980) em seus estudos geográficos, acentuada pela dolorosa experiência do exílio a que está submetido aquele que escreve estes versos.

O eu-lírico volta à angústia inicial que é o mote dos versos iniciais do poema. Parece haver aqui uma consciência trágica, produto da dor de separação entre seu ser e a terra-natal; desse modo, clama por um enlace, uma união profunda que o faça retomar o sentido de pertencimento ao lugar enquanto símbolo de afeição e segurança, sentidos estes que têm a natureza perturbada pela experiência do exílio. Clama com fervor o eu-lírico:

Desce profundo o relâmpago  
de tuas águas em meu  
corpo,  
desce tão fundo e tão amplo  
e eu me pareço tão pouco  
pra tantas mortes e vidas  
que se desdobram  
no escuro das claridades,  
[...]  
(minha cidade  
canora)

de trevas que já não sei  
se são tuas se são minhas  
mas nalgum ponto do corpo (do  
teu? do meu  
corpo?)

(GULLAR, 2010, p. 273).

A cidade e o homem encontram-se, uma vez mais, atados pela experiência. Como quer a perspectiva fenomenológica, sujeito e objeto estão atados por processos intrincados de *presença e ausência*<sup>4</sup>. Portanto, quando a voz do eu-lírico clama por seu enlace com a cidade, o que há é um processo de reconhecimento, via identidade – também ela, um modo de reconhecimento da pertença –, que, como já dissemos anteriormente, é corpórea: o enlace primitivo entre o eu-lírico e o lugar de pertencimento evocado é materializado na realidade do corpo, da carne que, agora, já não se sabe se da cidade ou se do próprio sujeito. Há o reconhecimento de pertença, de um estar-no-outro; a cidade é o próprio homem e o homem é a cidade, e estão, ambos, um no outro:

O homem está na cidade  
como uma coisa está em outra  
e a cidade está no homem  
que está em outra cidade

mas variados são os modos  
como uma coisa está em outra:  
o homem, por exemplo, não está na cidade  
como uma árvore está  
em qualquer outra  
[...]

O homem não está na cidade  
como uma árvore está num livro  
quando um vento ali a folheia

(GULLAR, 2010, p. 290).

Os versos acima transmitem o sentimento de dor por conta do afastamento espacial entre o sujeito e a cidade e a constatação de que a relação de estar contido(a) em algo, quando se trata da relação topofílica sujeito-lugar, é totalmente diversa de qualquer outro tipo de relação de continência que possa existir. Porque se manifesta por ausência e presença, é, de certo modo, mais forte e simbólica. Fica claro que, para o poeta, projetado em sua inteireza na voz que canta à sua maneira a cidade-natal, São Luís é um lugar íntimo, de afeição e o degredo é, pois, dor, sofrimento, “fratura incurável”.

Difuso e cristalino, o eu-lírico encerra o longo Poema com a voz do crítico, do teórico que reforça tudo aquilo que o sujeito tentou dizer, se pensarmos em sua relação íntima com o lugar, reforçando sua conexão com a terra-natal. Uma imbricada topofilia, entendida em seu sentido mais primitivo que sugere o amor do homem pelo lugar, pela terra, que une o sujeito exilado e a cidade em um só golpe. São Luís é o lugar do poeta e a consciência dessa realidade vem com a clara certeza de

que, mesmo espacialmente distante da cidade, em detrimento do exílio, e temporalmente deslocado, por conta da profusão de tempos que o eu-lírico faz emergir no poema, sobretudo o passado já esfumaçado, o homem e a cidade estão ligados umbilicalmente e a esperança ainda é um vislumbre possível.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exílio provoca dor nos sujeitos que a ele são compelidos. De fato, a dor é inerente à natureza desta experiência. Provoca a dor da partida, do deslocamento, afinal

“[...] o exílio não é uma questão de escolha: nascemos nele ou ele nos acontece. Mas, desde que o exilado se recuse a ficar sentado à margem, afagando uma ferida, há coisas a aprender: ele deve cultivar uma subjetividade escrupulosa (não complacente ou intratável.” (SAID, 2003, p. 57).

Em Ferreira Gullar, há a transformação da angústia e da des/esperança, promovidas pela experiência dos exílios, em arte poética, em força motriz para o canto “sujo” e revelador que o eu-lírico tece ao longo das quase cem páginas que integram o *Poema sujo*. O sujeito e a cidade revelam-se mutuamente no ato da escrita, resgate próprio da experiência distante e esfumaçada. O poeta evoca a São Luís de seu passado, de sua infância, e sucede bem, na medida em que a cidade é o espaço de privilégio do Poema. Certamente, “[...] quando recordamos de fato não evocamos imagens; antes, evocamos aquelas percepções antigas.” “[...] O passado vem à vida novamente, junto com as coisas nele [...]” (SOKOLOWSKI, 2010, p. 77).

*Poema sujo* traduz as experiências do poeta. O exílio, que marca a visão do eu-lírico frente às paisagens da cidade, penetra fundo e ecoa nas linhas do poema, revelando-se em uma experiência fundamental para a compreensão do teor de seus versos, mergulhados profundamente em dor e saudade, e, portanto, do processo de elaboração criativa e estética. Dessa maneira, compreendemos também a realidade de um sujeito que se vê deslocado e banido de seu lar natal, manifestando, no tecido poético, sua relação mais íntima e primitiva com o lugar de origem.

### NOTAS

1. Quando destacamos a forte representação topofílica que há no conteúdo do *Poema sujo*, dizemos, sobretudo, da íntima ligação estabelecida entre um sujeito e seu lugar natal: o eu-lírico, mergulhado profundamente em sua memória e a partir de sua experiência com o espaço/lugar, marca os versos do Poema com alto grau de sentimento de *topofilia*, assim conceituada por Tuan (1980, p. 5): “[...] é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal”.

2. "Atitude é primariamente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. Ela tem maior estabilidade do que a percepção e é formada de uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências. [...] As atitudes implicam experiência e uma certa firmeza de interesse e valor." (TUAN, 1980, p. 4).
3. "A *visão do mundo* é a experiência conceitualizada. Ela é parcialmente pessoal, em grande parte social. Ela é uma atitude ou um sistema de crenças; a palavra sistema implica que as atitudes e crenças estão estruturadas, por mais arbitrárias que as ligações possam parecer, sob uma perspectiva impessoal (objetiva)" (TUAN, 1980, p. 5).
4. A estrutura de *presença e ausência* é componente recorrente da análise fenomenológica e diz respeito ao modo como os objetos se manifestam aos sujeitos que os intencionam, que os percebem. De acordo com Sokolowski (2010, p. 42, grifo do autor), "Presença e ausência são os correlatos objetivos para intenções cheias e vazias. Uma intenção vazia é uma intenção que tem como alvo algo que não está aí, algo ausente, algo não presente para quem o intenciona. Uma intenção cheia é a que tem como alvo algo que está aí, em sua presença física, ante quem o intenciona." [grifos do autor]

## REFERÊNCIAS

- DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. 19.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.
- LAFETÁ, João Luiz. *Dimensão da noite e outros ensaios*. Organização de Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Duas Cidades; Editoria 34, 2004.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SOKOLOWSKI, Robert. *Introdução à fenomenologia*. Tradução de Alfredo de Oliveira Moraes. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- TUAN, Yi-fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.
- VILLAÇA, Alcides. Gullar: a luz e seus avessos. *Cadernos de Literatura Brasileira*, São Paulo, n. 6, set. 1998.